A EMIGRAÇÃO PARA O BRASIL VISTA POR INTELECTUAIS E LITERATOS PORTUGUESES (SÉCULOS XIX-XX)

SUSANA SERPA SILVA

INTRODUÇÃO

Desde tempos mais recuados o tema da emigração é uma constante na literatura portuguesa, fazendo parte integrante do pensamento, da leitura e da crítica social, dos retratos humanos e das vivências encarnadas por personagens que preenchem muitas das tramas e dos textos de grandes escritores nacionais e insulares [1]. Por um lado, os literatos abordam o *fenómeno da emigração*, propriamente dito, tanto em narrativas de cariz literário (romances, contos), como em textos de cariz não literário [2]. Por outro, incidem no *fenómeno do retorno*, indissociável do anterior e que faz parte de inúmeras páginas tão criativas, quanto reais, de obras profundamente relevantes para a cultura portuguesa, brasileira e não só.

No geral, muitos dos intelectuais portugueses e açorianos tiveram percursos de vida marcados pela emigração, quer porque eles próprios foram protagonistas e viveram foram do país, quer porque contactaram muito de perto com esta realidade, enquanto fenómeno constante na época ou na sociedade em que se inseriram.

Como refere Carlos Fontes, já no século XVIII o ouro do Brasil motivou a partida de enormes fluxos de colonos portugueses, rumo ao sertão brasileiro, em busca do precioso minério. Por isso, na gíria popular e também na literatura emergiu a figura do *mineiro* (alusão aos que se dirigiam para Minas Gerais). Este era, pois, o português que foi e que retornou a Portugal já velho, rico, mas com a mesma ignorância e rusticidade com que partiu. Assim, a ostentação do *mineiro* (novo

1 Veja-se, por exemplo, a Antologia de SERRÃO, 1976.

2 Veja-se o Relatório elaborado por Eça de Queirós: QUEIRÓS, 1979.

rico), foi posta a ridículo e fortemente criticada por literatos como António José da Silva (1705-1739), Correia Garção (1724-1772) e Filinto Elísio (1734-1819) [3].

No século XIX, após a independência do Brasil (1822), o *mineiro* viria a ser substituído pelo *brasileiro* que se torna personagem central de inúmeros romances de escritores portugueses. Sendo uma construção ficcional e literária, não deixava de corporizar os reflexos das imagens e dos preconceitos reais, ou seja, "as conotações depreciativas sobre os emigrantes do Brasil" [4] que regressaram definitivamente ou vinham com frequência a Portugal. No entanto, a inumeração dos *brasileiros* enquanto personagens presentes na literatura lusitana oitocentista, torna-se "um pouco mais complexa porque exige a soma dos brasileiros de nascimento e dos brasileiros de *torna-viagem* ou de profissão, termos usados na época para designar o português que imigrava para o Brasil a fim de fazer fortuna e que, depois, retornava à pátria. (...) Os que retornavam carregavam a alcunha de *brasileiros*, mesmo muito tempo depois de voltar a Portugal, como se tivessem trocado de nacionalidade" [5]. Aliás, o próprio Alexandre Herculano fez notar as especificidades do conceito de *brasileiro* usado em Portugal: dizia respeito a quem vivia "com largueza" e não tinha nascido no Brasil [6].

Em termos gerais, e ainda que se trate de uma visão simplista, este era o emigrante que voltava às origens depois de enriquecer (novo rico) e, por isso, os aspectos negativos sobressaem muito mais do que os positivos, saindo o *brasileiro*, salvo raras excepções, quase sempre ridicularizado [7]. Exemplo bem elucidativo é o de Camilo Castelo Branco (1825-1890) que, em várias das suas narrativas, caricaturou irónica e corrosivamente o emigrante retornado. Todavia, outros literatos também se debruçaram sobre o fenómeno da emigração, tais como Alexandre Herculano (1810-1877), Júlio Dinis (1839-1871), Fialho de Almeida (1857-1911), Oliveira Martins (1845-1894) e Eça de Queirós (1845-1900) e, entre estes, o *brasileiro* não deixa de ser uma personagem marcante. É preciso ressalvar que o impacte do emigrante retornado, na sociedade e na economia portuguesas de oitocentos, não foi em nada despiciendo na medida em que o país são só se ressentiu da perda desta colónia, como enfrentou graves

3 FONTES, (s/d.), [consultado a 2 de julho de 2012].

4 MONTEIRO, 1996.

5 GRANJA, 2009: 21.

6 GRANJA, 2009; MONTEIRO, 1996.

7 FONTES, (s/d), [consultado a 2 de julho de 2012].

dificuldades financeiras que muito afectaram a normalidade da vida nacional. Os dividendos dos brasileiros e as remessas dos emigrantes assumiram enorme importância, na 2ª metade do século XIX, e entre alguns sectores da sociedade portuguesa, causaram algum incómodo ou desconforto. Mais ainda, quando os sinais de riqueza se tornavam desmesurados e ostensivos ou motivavam casamentos por interesse que vinham derrubar antigas promessas de amor. A tudo isto acresce uma visão negativa da emigração para o Brasil, entendida como promotora de uma autêntica "sangria de gentes" e agravada pelos estratagemas ilegais dos "engajadores" [8].

Já no século XX, os escritores vieram a tomar consciência da dimensão da diáspora portuguesa e, portanto, que Portugal tinha emigrantes espalhados pelo mundo. Apesar do Brasil continuar a ser uma terra de eleição, outros países como os Estados Unidos da América (para os açorianos) ou a África do Sul e a Venezuela (para os madeirenses) acabaram por se tornar mais atractivos. Assim, a literatura nacional e insular, continuando a incidir sobre o tema da emigração, passa a captar um fenómeno mais universal e de contornos diferenciados [9]. São exemplos: Trindade Coelho (1861-1908), Ferreira de Castro (1898-1974), Aquilino Ribeiro (1885-1963), Florêncio Terra (1859-1941), Urbano de Mendonça Dias (1878-1951), Cristovão de Aguiar (1940-). Não obstante, em alguns casos, a figura do *brasileiro* ainda merece algum destaque.

Como se pode depreender, a diversidade de relatos, a multiplicidade de abordagens, — por vezes muito próximas de factos e cenários reais —, preenchem, ao longo de quase trezentos anos, um amplo número de obras literárias que, em nosso entender, tornam-se fundamentais para uma melhor compreensão e explanação da emigração enquanto fenómeno crucial na história da população portuguesa, em geral, e insular, em particular. Embora requerendo o devido cuidado na sua leitura e interpretação — tendo em conta a necessária destrinça entre a ficção e a subjectividade, por um lado e as circunstâncias reais, por outro — a literatura pode e deve constituir uma relevante fonte para o estudo da história da emigração portuguesa e da imigração brasileira.

8 MACHADO, 2005: 52.

9 FONTES, (s/d), [consultado a 2 de julho de 2012].

A EMIGRAÇÃO NA LITERATURA NACIONAL E INSULAR

Recuando à literatura oitocentista, começamos por destacar o incontornável escritor Camilo Castelo Branco. Com um percurso de vida bastante atribulado e subsistindo, com dificuldade, da sua escrita, acabaria mesmo por se suicidar. Entre as suas muitas paixões conta-se Ana Plácido que casou com o *brasileiro* Manuel Pinheiro Alves. Esta particularidade explica, em boa parte, a presença de *brasileiros* nas suas obras, sempre olhados de forma depreciativa e caricatural. São vários os seus romances que contam com a presença destas personagens e, por isso, a literatura camiliana é tida, por inúmeros autores, como basilar para o estudo dos fenómenos da emigração e do retorno, pois nela destacam-se os *brasileiros*, tipos sociais que, como já referimos, marcaram profundamente a sociedade lusitana do séc. XIX. Camilo foi um homem do seu tempo e um sagaz observador social, ainda que com alguma parcialidade. As suas novelas ou "crónicas sociais" constituem, pois, relevantes fontes para os estudos historiográficos [10].

Sendo os *brasileiros* uma parte e um símbolo fundamental da emigração portuguesa, "sobre eles foram criadas caricaturas mordazes, principalmente pelos literatos, entre os quais o mais famoso foi Camilo Castelo Branco. Nos livros em que se escreveu sobre a questão (...), fixou-se a imagem do regressado rico e também muito estúpido, ganancioso, usurário e faminto por comendas e nobilitação. Era o novo rico alardeador, de costumes exóticos, com sotaque e roupas diferentes". Esta imagem está associada à ideia do Brasil como "árvore das patacas" [11].

De entre a multiplicidade de obras camilianas que denigrem a imagem do *brasileiro*, apenas abordaremos três. Uma delas, escrita em 1879, intitula-se *Eusébio Macário: história natural e social de uma família no tempo dos Cabrais* [12]. A ação, como se deduz, desenrola-se nos anos de 1840, no norte de Portugal, sendo Eusébio Macário um farmacêutico de aldeia, viúvo e pai de dois filhos: o boémio José Macário e a sensual e atrevida, Custódia. Esta vem a ser cortejada por um *brasileiro*, o rico negociante feito comendador, Bento José Pereira Montalegre e acaba por casar com ele apenas por interesse. Todavia, se as gentes da aldeia são descritas como materialistas e interesseiras, a crítica mordaz atinge a figura do "comendador Bento" a quem Camilo atribui o perfil de novo rico arrivista e socialmente trepador, à semelhança dos muitos brasileiros beneméritos

10 CASTRO ALVES apud FILHO, 2010: 141-145.

11 MACHADO, 2005: 48.

12 BRANCO, s./d.,b).

que, pelas práticas filantrópicas, encontravam o caminho do esquecimento das humildes origens e da consequente nobilitação:

> "O brasileiro Bento José Pereira Montalegre (...). O Bento em 48 também saiu comendador, dera quatro contos para os asilos, moeda forte, e mandara ao correspondente Araújo & Filhos, rua dos Ingleses, Porto, que lhe mandasse abrir as suas armas num anel de ouro, sobre uma chapa do tamanho de uma fava pequena.
> – Que à fava devia ir o Bento – dizia Araújo & Filhos. (...).
> – Este pulha, o Bento, com armas reais em anel! Está tudo perdido!
> O Molarinho não achou no índice alfabético dos apelidos nobres o Montalegre. Esteve para criá-lo, inventá-lo (...). Mas receou exceder a missão da arte na cooperação dos fidalgos. Como ele também era Pereira, gravou o baixo-relevo do brazão do condestável, dos Braganças (...).
> As gazetas tinham falado no donativo e na mercê régia concedida ao nosso benemérito irmão de além-mar. Um correspondente de Chaves, cheio de ódios aos actos ministeriais, metia a riso a graça e o agraciado, descosia-lhe a geração, contava que havia gente que lhe conheceu o pai soldado de milícias, e a mãe uma cabreira de Barroso" [13].

Descrição também interessante e significativa é a da chegada do comendador à aldeia de Basto, onde vinha encontrar-se com a irmã. O povo, deslumbrado, estava nas ruas para ver o *"brasileiro rico"* passar e houve mesmo muito foguetório. A pretexto do evento, a narrativa camiliana explica os contornos sórdidos da acumulação da fortuna de Bento, seguindo uma linha de raciocínio própria do seu tempo: a riqueza de muitos brasileiros afigurava-se quase sempre suspeita e susceptível de manifestações de exibicionismo:

> "Tinha engordado aos vinte e cinco anos, na pacatez das roças, embalado em redes, debaixo das mangueiras; fora fleumático, frio, esquivo às borrascas do amor. Nenhuma sinhá o extraviara da linha tortuosa da riqueza; vendera-se a uma viúva decrépita, rica e devassa, que lhe deixara moagens, fazendas, o casco da sua fortuna,

13 BRANCO, s./d.,b): 35-37.

> Resolvera não se casar; porque três amigos seus tinham sido logrados pelas suas senhoras de parceria com os seus caixeiros. Pensava em empregar a sua grande fortuna em títulos fidalgos, e fazer-se imortal numa igreja que mandaria construir em Montalegre, dedicada a S. Bento, com três naves, e um jazigo na capela-mór com as suas armas, como vira na sepultura de Estácio de Sá, no Rio de Janeiro, na igreja de S. Sebastião" [14].

O casamento de Custódia com o comendador permitiu uma substancial melhoria do nível de vida de toda a família, mas as intrigas, as vinganças e os adultérios, que atravessam a história e enredam os protagonistas, acabam por levar à expulsão de Custódia do palacete. Afinal os Macários eram "má raça" e assim se percebe que, embora critico e caricatural para com o *brasileiro* Bento, Camilo procurou, acima de tudo, retratar a decadência da sociedade do seu tempo que urgia regenerar [15].

O romance *A Brasileira de Prazins* [16], escrito em 1882, deixa transparecer um tom menos satírico que o anterior. A ação decorre nos anos de 1845-46, também no norte do país, enquadrada pela polémica, ainda vigente, em torno dos miguelistas e apoiantes do realismo. Marta é a personagem central que, depois de um amor impossível, que leva o amado à morte, vê-se obrigada a casar, por vontade de seu pai, com um tio *brasileiro* rico e avarento, regressado à terra. Todavia, a imagem que ressalta é também a da ganância e despeito do pai de Marta em relação ao irmão Feliciano:

> "Marta era filha de um lavrador mediano que tinha em Pernambuco um irmão rico de quem dizia o diabo. Chamava-lhe ladrão porque, no espaço de vinte anos, lhe mandara três moedas, com os seguintes encargos: à mãe 6$000 réis fortes, às almas do Purgatório, de Negrelos, 3$000 réis também fortes, que lhos prometera quando embarcou, e o resto para ele — 5$400 réis, dizia, é que o maroto, podre de rico, me mandou em vinte anos!" [17].

14 BRANCO, s./d.,b): 52-53.

15 GRANJA, 2009: 140.

16 BRANCO, s/d.,a).

17 BRANCO, s./d.,a): 14.

Coisa rara naquele tempo, a jovem aprendera a ler e a escrever. A sua primeira carta, ditada pelo pai, foi ao tio Feliciano, de Pernambuco. Pediu-lhe umas moedas para comprar umas arrecadas e descreveu todas as lamúrias paternas, "lástimas mendigas, mentirosas" para ver, como ele dizia, "se o ladrão mandava alguma coisa". A missiva de Pernambuco chegou com uma ordem de pagamento de 48$000 réis (dez moedas de ouro). Uma parte para as arrecadas da sobrinha, a outra para o irmão, a quem anunciava o regresso, pedindo-lhe que fosse "deitando o olho" a uma ou duas quintas e a conventos que estivessem à venda. Da notícia à prática correram velozes os dias.

> "Neste meio tempo, chegou da América o Feliciano Rodrigues Prazins, tio de Marta. Demorou-se poucos dias. Ganhara medo que o roubassem as guerrilhas. Foi para o Porto por em segurança as suas letras e voltou quando a queda dos Cabrais garantia o sossego dos capitalistas. Na volta a Prazins, olhou mais atentamente para a sobrinha, deu-lhe alguns cordões, e disse ao irmão que não se lhe dava de casar com ela. O Simeão afirmou logo com um descaramento perdoável: — que não se fosse sem resposta o mano que a moça dava o cavaco por ele.
> Feliciano tinha quarenta e sete anos. Não se parecia com a maioria dos nossos patrícios que regressam do Brasil com uma opulência de formas almofadadas (...). Era magro esqueleticamente (...). Dizia, porém, que tinha febres de aço e nunca tomara remédios de botica. Muito míope, usava de monóculo redondo num aro de búfalo barato. Como era económico até à miséria, dizia-se em Pernambuco que o Feliciano usava um vidro só para não comprar dois: e que, se pudesse, venderia um olho como coisa inútil. Com a economia e o trabalho (...) em trinta anos arredondara trezentos contos. Chegara aos quarenta e sete, ao outono da vida, sem ter amado" [18].

Ainda que a narrativa camiliana destaque positivamente as virtudes da "economia e do trabalho", associadas ao emigrante no Brasil, não deixa, porém, de as criticar, quando extremadas, por conduzirem à "miséria" e à tibieza de horizontes.

18 BRANCO, s./d.,a): 150.

Se o retrato da decadência de valores da sociedade portuguesa é uma constante nos romances camilianos, a problemática dos preconceitos da velha nobreza arruinada face à nova burguesia enriquecida — onde se enquadravam os *brasileiros* —, estão bem patentes na obra *Os Brilhantes do Brasileiro*, escrita e publicada em 1869. Aliás, o confronto entre o peso do nome e do sangue e o poder e o valor do dinheiro fez-se sentir em quase toda a Europa oitocentista, quando o declínio material da aristocracia obrigou a alianças com o mundo burguês fascinado pela possibilidade do enobrecimento.

No romance em causa, verdadeira novela sobre amores contrariados, Ângela de Noronha Barbosa é a uma fidalga arruinada que se apaixonou pelo plebeu Francisco José da Costa. Depois de muitas atribulações (incluindo a reclusão num convento), acaba por casar com o irmão da criada da abadessa, o *brasileiro* Hermenegildo Fialho Barrosas a quem vem a roubar os diamantes do noivado para financiar o curso de medicina ao amado. Da descrição do encontro entre Ângela e Hermenegildo ressaltam o tratamento da irmã dele (com a alcunha de *brasileira*), o ambiente de rude desprezo pelo património histórico e material, as maneiras pouco elegantes do anafado *brasileiro*. Em suma, o novo-riquismo traduzido em avultado dispêndio para demonstrar a meteórica ascensão social: acordado o noivado, Fialho saiu para o Porto onde comprou 6.500$000 réis de diamantes e ainda cortes de seda e peças de veludo, em casas francesas [19].

Atentemos na escrita de Camilo:

> "Ao cabo de onze léguas de jornada, encontraram a quinta dos Choupos, residência de Rita de Barrosas, que os do sítio chamavam a sr.ª D. Rita brasileira.
> Quando apearam, Hermenegildo estava no espaçoso pátio vigiando os pedreiros que derruíam uma antiga torre de arquitectura manuelina para construir nos alicerces dela uma capoeira.
> Fialho, habituado a ouvir repetidas descrições da formosa fidalga, reconheceu Ângela. Apertou o cós das ceroulas, abotoou o colete amarelo, deu um jeito ao colarinho desengravatado, e foi ao portão receber a hóspede. (...).
> Entraram nas vastas salas, onde o brasileiro tinha recolhido as espigas do milho a monte, de mistura com as cebolas, e as nozes e as castanhas.

19 BRANCO, 1916: 108.

> Passado este lanço da casa, que havia sido convento de ordem rica, no ângulo formado pela vasta quadra, as salas e quartos estavam decorados com luxuoso e atrapalhado mau gosto" [20].
>
> "Hermenegildo era loquacíssimo (...) e de certo modo pitoresco na linguagem.
> Ângela engraçava com aquela rudeza indicativa de bom peito de bruto. O sorriso dela não era mordente, nem o lance dos olhos observador. A novidade do tipo, o plebeísmo do dizer, a redondeza da pessoa, a cara expirando alegria e uma saúde oleosa, tudo isto que aceraria a sátira da mulher de um alfaiate de Lisboa, produzia na fidalga bem condicionada uma inofensiva hilaridade, com a qual o brasileiro se comprazia" [21].

Ainda que o *brasileiro* esteja presente na galeria de caricaturas sociais criadas por Eça de Queirós — outro dos grandes vultos, se não o maior, do romance português do Realismo, da segunda metade do século XIX —, o seu sentido crítico não foi tão acutilante e demolidor como o de Camilo.

Esta visão menos crítica de Eça sobre o fenómeno da emigração e do retorno não pode dissociar-se da sua ligação sentimental ao Brasil. Ele era filho de um magistrado e par do reino, português nascido no Brasil em 1820, e a sua ama e madrinha pernambucana ensinara-lhe expressões do falar brasileiro, bem como canções e histórias infantis do noroeste brasileiro que o marcaram e que ele guardou na memória. De resto, ele tinha muitos amigos brasileiros, em especial no seu círculo de Paris (1888-1900) [22].

Ademais, este consagrado escritor, licenciado em Direito, advogado e jornalista, foi também diplomata. Viajou pelo Próximo Oriente, foi cônsul de Portugal em Cuba e em Inglaterra e, mais tarde, em França (Paris) onde veio a falecer. Assim, as suas estadas no estrangeiro permitiram-lhe o contacto com outros povos e realidades, propiciando-lhe diferentes mundividências e alguma complacência face a outros costumes [23]. A sua experiência como cônsul em Cuba sensibilizou-o quanto às dificuldades porque passavam os emigrantes. Como refere Calvet de Magalhães, "as razões que levaram à colocação de um

20 BRANCO, 1916: 94-95.

21 BRANCO, 1916: 96

22 CARVALHAL, 2000: 197-198.

23 MAGALHÃES, 2000 [consultado a 2 de Julho de 2012].

cônsul de carreira em Havana estavam ligadas à situação deplorável em que se encontravam em Cuba os chineses provindos de Macau que trabalhavam nas fazendas dos empresários espanhóis. Viviam naquela ilha mais de cem mil chineses que tendo emigrado através do porto de Macau (...), beneficiavam de protecção consular portuguesa" [24]. Ora, Eça de Queirós desempenhou um relevante papel ao regularizar a situação de muitos *culis* chineses, na medida em que os fazendeiros espanhóis, à revelia das leis cubanas, não respeitavam os contratos de 8 anos de trabalho, ao fim dos quais os emigrantes ficavam livres. Na realidade, as arbitrariedades eram inúmeras e muitas situações roçavam os contornos da escravatura [25].

De acordo com Leonel Cosme, quando nos finais de 1874 Eça é deslocado de Havana para Newcastle, já ia "impressionado pelas difíceis condições de trabalho do emigrante português em toda a América e ciente do preço que tinha de pagar o 'torna-viagem' para, um dia, poder regressar ao país natal, rico e ufano, — ou mais pobre e desesperado do que quando partira em busca do Eldorado. Esta experiência, que relatara num documento de 112 páginas enviado ao Ministro Andrade Corvo, torná-lo-ia compassivo sempre que se referia aos compatriotas emigrados, designadamente os que haviam demandado o Brasil, em contraposição aos escritores seus contemporâneos, como Júlio Diniz, Camilo Castelo Branco e outros, que glosavam, com ironia ou mordácia, os 'brasileiros' que regressavam, definitivamente ou em vilegiatura (...)" [26].

Ao prefaciar o romance do seu amigo Luís de Magalhães, *O Brasileiro Soares* (1886) — cuja personagem é um homem honesto, trabalhador e generoso e, portanto, a antítese do estereótipo mais comum do *brasileiro* — Eça começa por criticar os escritores "têm utilizado o brasileiro como a encarnação mais engenhosa da sandice e da materialidade (...) com todos os seus joanetes e todos os seus diamantes, crasso, glutão, manhoso, e revelando placidamente na linguagem mais bronca os sentimentos mais sórdidos". Depois, elogia o autor por ter ido "buscar o brasileiro a esses limbos da caricatura disforme para o fazer reentrar na natureza, e na partilha comum do bom e do mau humano; revestindo-o, pela verdade observada, de todas as excelências morais de que o despira, sistematicamente, a calúnia romântica; mostrando no antigo Bruto a possível existência do Santo – executou uma verdadeira reabilitação social" [27].

24 MAGALHÃES, 2000: 13 (consultado a 2 de Julho de 2012).

25 MAGALHÃES, 2000: 13.14.

26 COSME, 2000 (consultado a 2 de Julho de 2012).

27 Apud COSME, 2000 (consultado a 2 de Julho de 2012).

Relativamente à emigração Eça também manifestou uma posição objectiva e despida de preconceitos. No relatório elaborado, em 1874, para o Ministro Andrade Corvo, titular da pasta dos Negócios Estrangeiros, com o título *A Emigração como Força Civilizadora* [28] o diplomata Eça de Queirós escreveu:

> "A emigração, diz-se geralmente, é um fenómeno social que sob formas diferentes aparece em todas as épocas históricas. (...). A emigração, porém, como hoje a conhecemos — individual, espontânea, livre, protegida pelas leis, organizada por associações, com causas puramente económicas, com um fim meramente agrícola ou industrial, indo procurar nos países novos (...) um destino melhor, é exclusivamente um facto do século XIX.
> [Nos séculos XV e XVI] os portugueses (...) que iam à China ou à Índia, não eram emigrantes, eram comerciantes (...). Os missionários eram os precursores dos mercadores. (...). O mesmo impulso para o Brasil não teve no seu princípio nenhum espírito colonizador: procurava-se ali apenas o ouro e as pedras preciosas; como as não encontravam pensava-se em abandonar aquele vasto território, quando prevaleceu a ideia de o conservar como lugar de deportação (...): a cultura da cana do açúcar pelo judeus foi a origem da colonização regular" [29].

Depois concluiu: por meados do século XVII a colonização europeia da América, da Ásia e das costas de África já estava organizada e regulada, mas faltava a emigração. Esta só surge, em força, no século XVIII e sobretudo quando as Américas começam a tornar-se sinónimo de liberdade e de fortuna.

Segundo Amado Mendes, Eça de Queirós entendeu a emigração como "uma força civilizadora" chegando a fazer uma certa apologia do fenómeno pelo modo como os emigrantes renovavam os lugares e faziam a "reforma higiénica da terra". Ainda assim, não se pode considerar que Eça tenha sido um estudioso profundo da emigração, em especial, a portuguesa, pela sua complexidade e dimensão, como o próprio então assumiu [30].

Outros romancistas contestaram a representação cruel do *brasileiro torna viagem*, destacando, por exemplo, o seu esforço e a sua prodigalidade empreendedora

28 QUEIRÓS, 1979.

29 QUEIRÓS, 1979: 15-22.

30 MENDES, 1988 [consultado a 2 de Julho de 1012).

ou então o "inferno" em que se podia tornar o lirismo da emigração quando não se atingiam os fins pretendidos. "Autores como Luís de Magalhães, Gomes do Amorim, Ferreira de Castro e Magalhães Basto mostraram o outro lado do brasileiro (...): aquele que retornou tão pobre quanto partiu e, ainda por cima, carcomido pelas doenças tropicais" [31]. São estes os romances sobre o falhanço da emigração que apresentam o Brasil como o lugar de oposição ao tão sonhado *El Dorado*.

De facto, nem todos os emigrantes embarcaram em projectos de sucesso. Seguramente, uma elevada percentagem. Quantos não lograram enriquecer apesar dos sacrifícios? Quantos não foram enredados em contratos fraudulentos e em formas de exploração? Quantos não adoeceram e até perderam a vida? A emigração é também um fenómeno de incontáveis dificuldades, algumas das quais foram descritas por literatos, quase com o rigor do testemunho historiográfico. Um destes autores foi Ferreira de Castro. Escritor e jornalista português, foi emigrante no Brasil, para onde partiu com apenas 12 anos de idade. Chegou a viver na Amazónia e enfrentou diversas vicissitudes. Ao regressar a Portugal tornou-se redactor do jornal *O Século* e director de *O Diabo,* deixando dois romances sobejamente conhecidos: *Emigrantes* (1928) e *A Selva* (1930).

Este último é, para o próprio autor, um romance auto-biográfico. De acordo com o seu testemunho, trata-se de uma dívida de memória:

> *"Eu devia este livro a essa Amazónia longínqua e enigmática, pelo muito que fez sofrer os primeiros anos da minha adolescência e pela coragem que me deu para o resto da vida. E devia-o, sobretudo, aos anónimos desbravadores, gente humilde que me antecedeu ou acompanhou na brenha, gente sem crónica definitiva, que à extração da borracha entrega a sua fome, a sua liberdade, a sua existência. Livro bárbaro, como a vida que enquadra, como o cenário que lhe serve de fundo, ele completa (...), o meu romance 'Emigrantes'.*
> *Num,* a paisagem *ridente do sul do Brasil; noutro, a paisagem majestosa do Norte. Em 'Emigrantes', o exílio pelo estômago; neste, o desterro pelo espírito. E nos dois, a uni-los (...), a luta pela vida, a conquista do pão, a miragem do ouro (...)"..*

31 MACHADO, 2005: 54.

De facto, das obras neo-realistas de Ferreira de Castro sobressai uma narrativa muito próxima da vida real, descritiva e biográfica, que privilegia os tristes anónimos, que pelo seu infortúnio não deixaram qualquer pegada na história. Na história dos *brasileiros* enriquecidos. No romance *Emigrantes* — que segundo o autor não terá sido, de início, muito bem compreendido no Brasil — as personagens, como o próprio Manuel da Bouça (de seu nome verdadeiro Manuel Joaquim dos Santos), sujeitam-se a toda a sorte de vicissitudes em busca de um sonho, da miragem do ouro que, afinal, não se chega a concretizar. Esta é uma obra sobre os desencantos da emigração masculina, sobre as duras realidades amiúde escondidas de familiares e amigos. Tudo começa com um sonho: o sonho de partir, nem sempre partilhado por todos os membros da família:

> "Pouco a pouco, entre ele [Manuel da Bouça] e a paisagem foram-se interpondo novas visões: o baú de folha fechando-se sobre camisas e ceroulas; um comboio (...) até Lisboa; depois o navio e o mar (...). Porque tinham elas medo? Mandar-lhes-ia dinheiro e, passados quatro ou cinco anos, voltaria com alguns contos de réis... Lá isso é que ele havia de voltar com alguns contos, se Deus fosse servido e lhe desse saúde! Tinha bons braços e quem procura sempre encontra... (...).
> Via-se de regresso, (...), com duas malas, boas roupas e bons chapéus, como nunca se fabricaram em S. João da Madeira.
> E o panorama que os seus olhos contemplavam sofria profundas alterações (...). E tudo aquilo era dele. Tudo fora ganho com o seu suor, dia a dia, hora a hora.
> Iria! Pena era que não tivesse resolvido isso há mais tempo, quando estava solteiro e tinha sangue na guelra. (...).
> Agora, com os seus quarenta e um — (...) — e uma filha na idade de casar, não se podia deter por lá muito tempo. Demoraria apenas o suficiente para juntar o dinheiro dos campos e mais alguns mil réis que a Amélia precisasse de gastar em caso de doença" [32].

Ferreira de Castro oferece, com todo o pormenor (de quem foi, ele próprio, emigrante), as descrições da partida, do ambiente do cais, em Lisboa, das formalidades legais, do embarque no rebocador e do confronto com o transatlântico.

32 CASTRO, 1928: 23-24.

Por outro lado, o momento marcante da chegada e do desembarque no Brasil, torna-se um comprovativo literário de múltiplas situações que a própria historiografia já provou: o estado de espírito dos emigrantes, as contingências dos clandestinos, a pluralidade de "nações" na demanda da nova terra e as condições de recepção.

> (...) "Os que desembarcavam no Rio começaram a abandonar o convés e, quando volviam, empilhavam, aqui e ali, sacos e baús. (...). Alguém gritou: "O Pão de Açúcar!"(...). Os emigrantes repetiam com emoção: "O Pão de Açúcar!", "O Pão de Açúcar!" como se dissessem aos outros e a eles próprios: "Finalmente!", "Finalmente!" (...). Afonso surgiu, de novo, ao seu lado (...):
> — Não é aqui que desembarcamos. O vapor vai atracar mais adiante, no Cais de Mauá, ou lá o que é. Sabe? Os dois homens que foram encontrados sem passaporte estão já nas unhas da polícia. (...) Foi o comandante quem os entregou. Eu até vi o mais novo a chorar... (...). Mudando de lugar, Manuel da Bouça viu sair os companheiros da travessia. Do lado da baía estava atracado ao navio [Darro] um rebocador, que os ia levar à Ilha das Flores, onde haviam de sofrer rigorosa quarentena. Os russos foram os primeiros a descer (...). Depois as famílias portuguesas: eles, de sapatorras, calças acastanhadas e jaleco de rústicas linhas; elas, de saias mui rodadas e escuras, lenço na cabeça, umas de blusa pintalgada, outras enrodilhadas num xaile — e os filhos num novelo de trapos, quase confundidos com a bagagem. Ruidosas, (...), as polacas passaram lestamente de uma embarcação para a outra e atrás delas seguiram os galegos, desempenados, respirando saúde e decisão"
>
> "Depois da admiração causada pela Guanabara, a entrada no porto de Santos deslumbrara menos os olhos dos emigrantes. (...).
> Os emigrantes foram-se comprimindo entre a escotilha e a amurada, enchendo de negrume o local. (...). Quando os italianos estavam todos conferidos, o homem que ordenara a chamada distendeu o pescoço sobre a gola da farda e arengou no idioma daqueles a quem se dirigia:
> — 'O Estado de S. Paulo orgulhava-se de possuir a legislação mais completa, mais liberal e humana de todas as que existiam, nos outros países, sobre imigração. Riquíssimo, com terras de uma fertilidade assombrosa, onde a natureza se encarregava de facilitar

> o trabalho do homem, S. Paulo dispensava aos imigrantes uma protecção eficaz, desde que eles chegavam a Santos até encontrarem maneira de ganhar a vida. O Estado transportá-los-ia, hospedando-os, sustentando-os e, por fim, colocando-os, com a única condição de que se entregassem ao trabalho da lavoura'. (...).
> Contados os espanhóis, o inspector (...) traduziu para o idioma destes o que havia dito aos outros" [33].

A dura realidade da emigração emerge, crua e frontal, no encontro de Manuel da Bouça com Cipriano — jovem conterrâneo que partira há algum tempo para o Brasil. Sendo certo que o período correspondente à 1.ª República brasileira (1889-1930) foi um tempo de crise económica, de revoltas e instabilidade, agudizadas pelo envolvimento na I Guerra Mundial, Cipriano era o exemplo da falta de sorte e do desaire. Ele mentia nas cartas que enviava à mãe, com o único dinheiro que conseguia apurar, pois era importante não alarmar a família e "não fazer má figura junto dos conhecidos". Porém, não mentira a Manuel da Bouça quando lhe dissera que não viesse, porque a situação (ali, como no mundo) era muito má. Mal ganhava para viver e as suas condições de subsistência eram deploráveis. " — *Eu só não volto para a terra porque tenho vergonha...".* Emigrado, pois, num tempo que desaconselhava a emigração para as Américas, a personagem principal do romance vai sofrer inúmeras desilusões. Entre as duras e inesperadas condições de trabalho à impossibilidade de prosperar, sobreleva o desapontamento que lhe trouxe a carta de sua mulher:

> "Meu querido Manuel:
> Em primeiro lugar desejo que passes bem, que eu há mais de quinze dias estou doente sem me poder levantar da cama. Quem me tem valido é a nossa filha [que fugira de casa para se juntar] e a Zefa da Fonte, senão eu já tinha morrido para aí. Não te preveni antes para não te afligir e porque pensei que isto era coisa que passava de um dia para o outro. Mas ontem estiveram na Bouça uns homens de Oliveira, parece que da justiça, e depois vieram cá dizer-me que as nossas courelas já eram do Carrazedas, porque tu não pagaste o combinado. A Deolinda e o Afonso foram de caminho à vila e falaram com o escrivão e com

33 CASTRO, 1928: 108-113, 119-122.

> o doutor Samuel, mas todos disseram que já não se podia fazer nada. Não imaginas as lágrimas que tenho chorado de ontem até agora, que eu sei como tu estimavas aquelas nossas ricas terrinhas.
> Escreve-me Manuel, que eu há já muito tempo não recebo uma regra tua e não sei o que fazes aí. Eu, depois que tu foste, nunca mais soube o que é ter uma hora de alegria. Antes queria ser pobre toda a vida do que sofrer o que tenho sofrido. Se me visses agora nem me conhecias. Não te esqueças de me escrever e aceita um grande abraço da tua mulher que te deseja muita saúde — Amélia"[34].

Destroçado pelos imprevistos, Manuel da Bouça — pobre, analfabeto e atormentado pela ambição de riqueza que nunca alcançou —, tornou-se ainda num desenraizado pois ao regressar a Portugal, já nada lhe dizia a vida e o ambiente da aldeia.

Se até aqui afloramos alguns exemplos da literatura nacional, torna-se forçoso referir, a propósito desta temática alguns nomes da literatura açoriana. Afinal, desde tempos imemoriais, o arquipélago dos Açores foi lugar de chegada e de partida. Uma autêntica placa giratória de gentes, de fluxos de emigrantes que, dos rochedos do Atlântico norte, demandavam as terras do Novo Mundo. Do século XIX ao século XX, são vários os autores que se inspiraram na emigração e nos contornos insulares deste fenómeno, que consubstanciaram em contos, romances ou poesias. Todavia, apenas destacaremos os exemplos de Florêncio Terra, de Urbano de Mendonça Dias e de Cristóvão de Aguiar.

Florêncio Terra, de seu nome completo Florêncio José Terra, era natural da cidade da Horta, ilha do Faial (Açores), onde nasceu em 1858 e faleceu em 1941. Foi professor (e reitor) do Liceu local, escritor, jornalista e político, chegando a presidir à Câmara Municipal, ainda que por pouco tempo. Foi um dos fundadores do Grémio Literário Faialense e, como escritor, foi um autor emotivo, mas realista, "cultor do conto idílico e prosador fluente"[35] baseado no seu grande poder de observação e de interiorização da vida do povo das ilhas do Faial e do Pico. Entre as cenas campestres ou nas tragédias marítimas encontrou inspiração e temáticas para as suas obras, entre elas, no fenómeno da emigração que, afinal, atingia quase todas — senão todas — as famílias insulares. Na primeira metade de novecentos quem, vivendo nos Açores, não tinha um familiar, um vizinho ou um amigo emigrado?

34 CASTRO, 1928: 213-214.

35 ARRUDA, Enciclopédia Açoriana.

Esta é uma experiência de vida bem presente em várias das histórias de *Contos e Narrativas*[36]. Referências explícitas, gestos subtis, vivências e memórias indissociáveis da diáspora açoriana — que foi trocando o Brasil pelos EUA — revelam-se em diversas personagens, todas elas femininas e residentes nas ilhas. É esta, pois, a faceta que Florêncio Terra privilegiou: o reverso da emigração, ou seja, as consequências locais que ele próprio pôde observar e sentir. Algumas das narrativas são lembranças que ficaram da sua infância e juventude.

Em a "Vida Simples", por exemplo, a velha Brízida vivia com a neta Rosalina, que estava na primavera da vida e lhe ficara, à sua responsabilidade, "da súbita revoada da emigração de toda a família para a América". No conto "A Debulha" as agruras dos que ficavam marcados pela saudade dos que partiam são testemunhadas pela velhinha Tia Rosa. Abafando um soluço, mas com as lágrimas a rolarem pela face engelhada, apontava, com a mão mirrada para o navio, murmurando: *O Manuel... O meu neto que se foi há um ano...Não tinha outro...*[37].

A incerteza do reencontro ensombrava as esperanças dos que ficavam nas ilhas, sobretudo dos idosos sujeitos a não mais abraçarem os seus parentes queridos. Apenas a hipótese do retorno, se o esforço fosse recompensado, podia acalmar o desalento e suscitar um final feliz. Foi este o caso de "Margarida amor-fiel", personagem recompensada pela perseverança e resiliência da sua espera e fidelidade.

> "Bastantes anos decorridos o pai de Margarida morreu, e esta, ficando só, trouxe para casa uma velha parenta para a acompanhar, enquanto da sua família da América não viessem as notícias precisas e que ela esperava com ansiedade.
> Certo dia, sobre o seu balcão, olhava o mar longe, porque se dizia que o vapor da América estava a chegar. (...) de repente, Margarida avistou o vulto branco de um vapor, cujo silvo agudo chegou até ela. Ah! Era já o vapor da América! Não tinha dado por ele...
> E no seu coração experimentou um alvoroço, quase uma agonia, que não sabia explicar. Todo o dia andou num desassossego, numa ansiedade, vigiando as embarcações que vinham do Faial, esperando notícias, esperando não sabia o quê.

36 TERRA, 1981.

37 TERRA, 1981: 78-79.

> Quando de uma vez, chegando à janela, era já lusco-fusco, percebeu que um vulto correra a esconder-se numa encruzilhada próxima. Não fez grande caso, mas de repente o vulto apareceu e disse: — Margarida! Ó mulher! Vós me conheceis?...
> Aquela voz! — Manuel! — exclamou ela.
> — Sim, Manuel! Aqui estou! Não te casaste e eu também não. E aqui estou se ainda me queres. Nunca te esqueci! E Deus bem sabe que sempre te tive o mesmo respeito. Lá na América não me faltavam mulheres, se as quisesse, mas em primeiro lugar eras tu, que sempre me estavas na lembrança"... [38].

Evocando tempos mais remotos, quiçá sustentado pela tradição oral e por uma realidade marcante na centúria oitocentista, Florêncio Terra não deixa de evocar o lado mais negro da emigração açoriana: as fugas clandestinas que, amiúde, tinham desfechos bastante dramáticos. Assim é a trágica história de *Drama no Mar (Crónica antiga)* [39], que atesta a ferocidade e a falta de escrúpulos dos engajadores e dos intermediários que, neste caso, não hesitam em atirar ao mar e à morte, os sete emigrantes ilegais, para encobrirem as suas ilícitas actividades.

> *"Aproveitando o silêncio da noite, (...), havia bem um quarto de hora que a lancha vinha seguindo cautelosamente na sombra da costa. Por fim, junto do Pesqueiro Raso, parou, e os quatro remadores e os homens do leme ficaram imóveis, apurando para terra os olhos e o ouvido. (...). Os tripulantes continuavam a não ver e ouvir nada: nenhuma sombra se movia (...). Então um dos marinheiros levou a mão à boca, soltou um assobio prolongado. Quase em seguida respondeu-lhe outro assobio, e uma forma humana apareceu distinta sobre as rochas que a lua iluminava. E, sucessivamente, outros homens se ergueram da terra e vieram saltando de pedra em pedra (...). O homem do leme ordenou então em voz baixa: 'Rema! Rema! São eles...' (...). 'Salta!' e oito homens, carregando pequenos sacos saltaram confusamente para dentro da lancha. Um desses homens, pelo modo como falava e dirigia o embarque, dava-se logo*

38 TERRA, 1981: 176-179.
39 TERRA, 1987.

a conhecer: — era um 'engajador'; ao passo que os sete restantes, agarrados às suas pobres trouxas de roupa, de maneiras tímidas e contrafeitas, caras quase imberbes, percebia-se serem rapazes fugidos ao recrutamento, tendo alguns ainda nos olhos algumas lágrimas da despedida. (...).
— Basta de choradeiras, corja de maricas!...Gritou finalmente o homem do leme num tom rude e agressivo; e, voltando-se para o 'engajador', perguntou:
— Por que *alturas deve estar o navio? ...*
— Disse-me o capitão que pelas duas horas da manhã apareceria por aqui...
(...)
Esperaram talvez uma hora, e avistaram, então, longe, nos confins do horizonte a mancha de uma velita. (...). E acerca do navio, nada. Havia muito que a vela que tinham seguido durante a noite se sumira de todo. O que fazer?... A terra ficava-lhes a umas quinze milhas de distancia (...).
Quando a noite se avizinhou, sem que nada aparecesse, e nem que tivessem tentado aproximar-se de terra com medo de serem presos, um dos rapazes disse por último ao homem do leme:
'Se a gente voltasse para terra...Já se vê que o navio não vem cá!'... O outro teve um singular sorriso e retorquio: 'Vamos, voltar, vamos...mas mais logo...' Ao mesmo tempo, procurou com os olhos os olhos do engajador, sucessivamente os de todos os marinheiros, e deviam ter-se entendido, porque a mesma expressão de ferocidade se espalhou naqueles rostos endurecidos"[40].

Outro registo bem diferente apresenta Urbano de Mendonça Dias no seu romance de cariz social e crítico intitulado *O Mr. Jó. Estudo sobre os emigrados dos Açores*[41]. Com acutilante ironia e humor, o autor coloca em confronto dois emigrantes de torna viagem: um *brasileiro*, regressado definitivamente e um emigrante nos EUA, em visita periódica à terra natal.

40 TERRA, 1987: 71-74.
41 DIAS, 1943.

Mendonça Dias, natural de Vila Franca do Campo, na ilha de S. Miguel e formado em Direito pela Universidade de Coimbra, interessou-se, desde muito cedo, pela escrita, acabando por ter uma carreira muito versátil: além de advogado, foi professor, político, jornalista e escritor. Todavia, é muito mais conhecido pelas suas obras de cariz historiográfico, etnográfico e político do que pelos romances e peças de teatro que legou [42]. Ora, o romance em causa — que é uma verdadeira crónica de costumes e que revela um excelente poder de observação de determinados tipos sociais —, trata precisamente do fenómeno da emigração e do retorno que, pela dimensão que atingiu no meio insular, não passou despercebido a quem tanto escreveu sobre Vila Franca do Campo e os Açores.

Nesta obra destacam-se as duas personagens que o escritor nos convida a comparar: José Rosara, emigrante "na Amerca" (sic) e José Nunes, emigrante regressado do Brasil. O primeiro é o protótipo do emigrante boçal, iletrado e ignorante que fugindo ao serviço militar, embarcara para os EUA, há perto de trinta anos, conseguindo matricular-se como cidadão americano. Como refere o autor, fizera a vida renegando a pátria, mas pelas muitas saudades da terra, regressava, em visita, de seis em seis anos. E assim o descreve:

> "vestido à moda da América, com um fato de flanela azul ferrete, grossa, felpuda, consistente, e uns sapatões de couro impermeável, rijos, feitos de propósito para os gelos do inverno, de bico largo, opado, como se tivessem sido assoprados por uma bomba de grande potencial; e então metido numa camisola de lã, de gola a sair pelo pescoço fora, desafiando todo o frio deste Mundo, e um chapéu de feltro preto, mole, desabado na frente, sobre os olhos. E o Rosara aparecia-nos assim a matar saudades da Terra, com umas malas cheias de roupa meio usada, para distribuir pelos sobrinhos, e uns dólares amarrotados na algibeira, para os gastar consigo (...) Ali na América, Fall River é que era a sua Terra, para ali tinha ido, ali se tinha estabelecido, e trabalhava ainda na mesma fábrica, a 'frávica das chitas', (...). Depois, poupados como eram ambos, e trabalhadores, começaram a fazer o seu pé de meia e isso tomou-lhe todas as atenções, e veio daí a tempos, por um grande acerto, a compra da casa na Calamba Strit (Colomb Street)" (...) [43].

42 Sobre Urbano de Mendonça Dias veja-se: REGO, Enciclopédia Açoriana.

43 DIAS, 1943: 6-7, 10-11.

Esta descrição caricatural põe em destaque o trajar típico do emigrante luso-americano, a sua comprometedora "generosidade" e a emblemática questão da linguagem, cheia de anglicanismos, incorrectamente utilizados por quem, desprovido de escolaridade, aprendeu de ouvido e sem qualquer rigor, vincando o sotaque natural de que nunca se conseguiu desprender. Esta característica, tão comum entre os emigrantes micaelenses que rumavam à América do Norte, emerge em toda a obra, sempre que o autor trata de José Rosara, operário fabril e agora "estrangeiro" na sua terra natal:

> "Mas quando o José Rosara chegava à Lazeira, de visita à Terra, esmorecia sempre, nos primeiros dias, ficava como desorientado, no meio de tanta pasmaceira. (...). Estranhava tudo, as ruas, as casas, os estabelecimentos comerciais, a iluminação à noite, as comidas, as bebidas, o sossego. (...) E ponha em foco as coisas americanas, e comparava-as com as de cá, para fazer notar a grande diferença. (...). É que o José Rosara assegurava que hoje em dia, na Terra da América, os médicos tinham um mexim (machine, máquina) de ver a gente por dentro, como se estivessem abertos, escalados como um peixe!". (...). Mas apesar de tanta grandeza e de tantos recursos e facilidades, era sempre ansioso que ele vinha à Terra, e uma vez cá, ia-se a pouco e pouco habituando a esta modéstia, a esta pobreza, falando é certo no grande País do Norte, mas agarrando-se cada vez mais à ilha" [44].

José Nunes, apesar de ter emigrado na mesma altura de José Rosara, rumou ao Brasil e acabou por ter um percurso de vida muito diferente. Desde logo, fora recomendado pelo padrinho e palmilhara o verdadeiro sonho americano, conseguindo granjear enorme fortuna. No comércio fizera o percurso do *self made man*: de criado passou a balconista, de caixeiro chegou a sócio e tudo isto graças também à aposta na escolarização. Ao contrário de Rosara, era letrado, elegante, bem falante e enriquecera consideravelmente, o que lhe possibilitara um triunfal regresso às origens. Comprara, embelezara e recuperara a velha casa do morgado e passara a ser considerado entre a alta sociedade local.

44 DIAS, 1943: 36-38.

O José Nunes era realmente um homem rico, mesmo bastante rico, tinha feito fortuna no Brasil, para onde fora em rapaz, na ânsia que tem a gente moça das ilhas de embarcar, em procura dum melhor arranjo à sua vida, para ter uma velhice menos trabalhosa, num canto da sua Terra, que nunca lhe sai do coração.

Pois o José Nunes, naquela doença ilhôa, havia embarcado para o Brasil, fixara-se em Pernambuco, recomendado pelo padrinho, o patrão do pai, o senhor Josezinho Brasil, que lá tinha estado muitos anos, lá tinha enriquecido e ainda lá contava bons e valiosos amigos, a quem recomendou o afilhado.

E o José Nunes arranjou-se na vida comercial, na Casa dos senhores Soares e Costa, com armazém de secos e molhados; primeiramente como criado do estabelecimento, em virtude dos seus poucos recursos literários; depois pelas habilidades que foi mostrando, os patrões foram-no admitindo ao balcão, mandaram-no frequentar uma escola de noite (...), e o José Nunes passou a ser, daí a pouco tempo, caixeiro da grande Casa comercial dos amigos do padrinho (...). E mais tarde passaram-no a sócio"[45].

O brasileiro, porém, partilhava com Rosara pelo menos duas particularidades: também se sentira "estrangeiro" na sua terra natal e, embora sem o problema da diferença linguística, carregava o sotaque brasileiro que conferia um cariz peculiar ao seu falar:

> "No regresso à terra "(...) a cousa a princípio desnorteou-o. Os muitos anos no Brasil, sem nunca ter vindo à Ilha, tinham dado à sua Terra uma outra sociedade que ele desconhecia totalmente, muitos dos seus amigos haviam já morrido, no geral tratava agora com os filhos deles, e confundia os filhos com os pais e os pais com os avós; e muitas vezes dizia (...):
> — Eu não sei si falo com o filho, si falo com o pai!".
> ***"E*** o ***José Nunes, mais pelo dinheiro, já se deixa ver, que pelas outras razões, começou a andar no galarim, a ter opinião, a ser pessoa de importância, de valor"***[46].

45 DIAS, 1943: 78-79.
46 DIAS, 1943: 81-83.

Os encontros entre os dois emigrantes são dignos de uma leitura atenta. A abordagem satírica não esbate a real diferença entre as boas maneiras do brasileiro letrado e comedido e a rusticidade, desconfiada, do luso-americano pouco ilustrado. Os desacertos e desencontros linguísticos emergem com enorme mestria e humor, dificultando a comunicação entre dois conterrâneos profundamente marcados e divididos pelas respectivas experiências da emigração. Ademais, através das duas personagens, revelam-se ainda as diferenças entre as comunidades de acolhimento: o Brasil, de influência portuguesa e, portanto, mais europeizado, mas estagnado e passadista; os EUA, de matriz anglo-saxónica, como verdadeira terra de futuro pelo modernismo do seu incremento económico e tecnológico. Atentemos na seguinte passagem em que José Rosara, corroído pelo despeito face à prosperidade e bem estar do seu interlocutor, dá-se ares de importante e fala, por entre inumeráveis calinadas, dos americanos e da América como quem já "domina" aquela realidade:

> "— O amarecano, hoje im dia, é um home muito malino, (...), é muito desconfiado, e para não lo inganarim, dizendo que vão para lá para passear quando é para se meterim lá dentro, fez aquela lei assim, de propóseto! (...) Mas a língua amarcana aprende-se num zapes! Ei fu assim! (...) Olhim facês, aqui nesta Terra, boi, é o macho da vaca, lá não senhor, boi lá é o macho mas da guerle, das aquelas, das raparigas! (...) Lá as palavras não se dizim até ao fim, não senhor, lá as palavras dizim-se só as meitades!
> E explicou:
> – Lá não se diz Francisco, comaqui, lá é Franc (...), e Frederico é Fred, e todas as machinas são mexins (...). E olhando para o José Nunes que estava de boca aberta, desconfiado do que ele dizia, afiançou-lhe:
> – Pensas que lá te vão chamar senhor José Nunes? (...). Lá vão-te chamar Mr. Nú, como a mim me chamim Mr. Jó e ao deitor Machado chamim lhe lá doctar Match!" [47].

47 DIAS, 1943: 162-165.

Rosara continua a debitar tantas grandezas sobre a América que José Nunes acaba por ficar com vontade de lá ir, para conhecer aquela terra. E confessou: a vida no Brasil não era nada assim. Lá não havia pressas e tudo se fazia "numa grande pasoaria". No entanto, não admitia, de todo, que José Rosara menosprezasse o seu Brasil, a "que ele chamava a sua segunda Pátria", com enorme reconhecimento.

A questão linguística associada ao fenómeno da emigração também mereceu a atenção do escritor micaelense Cristovão de Aguiar. Natural do Pico da Pedra, freguesia da ilha de S. Miguel, é um dos mais importantes autores da literatura açoriana e portuguesa contemporâneas. É docente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e tem vários romances premiados. Entre os seus escritos, de cariz não literário, conta-se *Alguns dados sobre a emigração açoriana* [48] e *Emigração e outros temas ilhéus: miscelânea* [49], onde aborda esta constante da vida insular.

Na publicação de 1976, ao remontar à epopeia dos descobrimentos marítimos, o autor começa a sua narrativa com esta frase lapidar: *Portugal é um país que se tem derramado pelo mundo*. Nada mais certo quando pensamos na longa gesta emigratória que os portugueses perfizeram desde o século XV ao século XX. Depois, Cristóvão de Aguiar levanta a pertinente questão: *O açoriano emigrante em devir?*... É o próprio que lhe dá resposta. Desde os primeiros colonos ou imigrantes que se fixaram nas ilhas (em especial no Grupo Oriental), sucederam-se séculos de *vai-vem* de gentes até que as dificuldades e os cataclismos naturais motivaram os primeiros contingentes de "emigração maciça" para terras de Vera Cruz...

> "Os Açores são a região de Portugal que mais tem contribuído, proporcionalmente, para o fenómeno emigratório português — cerca de um quarto da emigração total. Esse derrame exagerado numa terra pequena tem a sua explicação, pois ninguém emigra por gosto, pelo menos aqueles que enfrentam os embates do desconhecido pela primeira vez. Na raiz da atitude de emigrar há uma causa económica, embora se não devam subestimar as psicológicas e familiares e muitas vezes políticas. (...).

48 AGUIAR, 1991.
49 AGUIAR, 1976.

> A mais antiga notícia que nos fala da saída de alguns casais para o Brasil é-nos fornecida por Gaspar Frutuoso, primeiro historiador micaelense (1522-1591), (...). Escreve o cronista a dado passo que '...no ano de mil quinhentos e setenta e nove, sendo de muita esterilidade, (...) ficaram os moradores da ilha tão atribulados e pobres, (...) vendo ele [Diogo Fernandes Faleiro] alguns parentes seis em semelhante aflição, os persuadiu (...) se fossem para o Brasil, (...), provendo-os de todo o necessário para sua embarcação" [50].

Se a importância socioeconómica do Brasil é indissociável da História dos Açores, graças ao acolhimento de muitos dos emigrantes ilhéus, curiosamente as influências linguísticas ter-se-ão também exercido em sentido contrário. Recorrendo a Luís da Silva Ribeiro e a Manuel de Paiva Boléo, ambos estudiosos da gesta emigratória açoriana, Cristovão de Aguiar salienta o fenómeno da linguagem, que lhe é tão caro, tentando demonstrar como alguns vocábulos açorianos terão penetrado no linguajar brasileiro:

> "Ao contrário do que muito tempo se pensou, não foi a língua brasileira que exerceu influência sobre alguns sons da língua portuguesa, dando origem ao que vulgarmente se chama 'brasileirismos'. Foi o português falado nos Açores que exerceu influência, sobretudo nas regiões de Santa Catarina e Rio Grande do Sul onde a presença açoriana foi um facto entre 1617 e 1807, sobre o português do Brasil. Assim, a palavra 'sinhá' (senhora) talvez tivesse origem em 'senhara', ainda hoje ouvida em várias localidades da ilha de S. Miguel, (...). A troca do 'lh' por 'i' como em 'muié' (mulher), 'óia' (olha), 'fôia' (folha), 'mio' (milho), (...), muito vulgar na língua brasileira de certas regiões (...) foi também influência exercida pelos emigrantes provindos dos Açores (...). O t que os brasileiros pronunciam th, como em quintha, é também vulgar em certas regiões micaelenses: (...).
> É muito natural que o emprego do gerúndio: estou comendo, estou fazendo, estou trabalhando, etc., tão comum na língua brasileira, fosse também influência dos açorianos radicados no Brasil. De facto, ainda hoje, a conjugação perifrástica no gerúndio é vulgaríssima nos Açores, (...).

50 AGUIAR, 1976: 12.

> A influência linguística reflecte de maneira acentuada um longo e profundo contacto entre dois povos. Foi o que aconteceu no caso específico do povo açoriano e brasileiro. (...). Em abono do que se acaba de afirmar, está o facto de que o emigrante açoriano, uma vez embarcado, muito raramente regressa, excluindo-se, portanto, a hipótese de uma influência de retornados luso-brasileiros sobre o português insular"[51].

Assim, até nas influências linguísticas se notam as consequências da emigração, isto é, do encontro de culturas e de gentes, das trocas entre os que estão e os que chegam e os que ficam e os que partem.

CONCLUSÃO

As obras literárias, com especial relevo os romances realistas e históricos, bem como as crónicas sociais dos séculos XIX e XX, podem e devem constituir fontes importantes para o estudo da emigração portuguesa para o Brasil (e não só), salvaguardado o distanciamento face ao conteúdo ficcional e aos rasgos criativos. Das descrições às personagens, múltiplos são os testemunhos e os registos associados ao fenómeno da diáspora, nas suas múltiplas vertentes ou faces, e enquanto realidade que os escritores viverem, conheceram e observaram de perto.

Em Portugal continental e insular, no âmbito da literatura portuguesa e "açoriana", existe uma grande variedade de autores e literatos que, não obstante percursos de vida diferentes e "visões do mundo" distintas, nos legaram inúmeras obras (romances, contos, ensaios, relatórios), que configuram um contributo incontornável para a tarefa interpretativa dos historiadores. Aqui deixamos hoje alguns exemplos...

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES

AGUIAR, Cristóvão de, 1991 – "Alguns dados sobre a emigração nas ilhas, principalmente em São Miguel e Santa Maria", in *Emigração e outros temas Ilhéus: miscelânea*. Ponta Delgada: Eurosigno.

51 AGUIAR, 1976: 16.

AGUIAR, Cristovão de, 1976 – "Alguns dados sobre emigração açoriana", in Separata de *Vértice*. Coimbra.

BRANCO, Camilo Castelo, s/d.,a) – *A Brasileira de Prazins. Cenas do Minho*, 4.ª edição. Porto: Livraria Chardron de Lélo & irmão.

BRANCO, Camilo Castelo, s/d.,b) – *Eusébio Macário*, 5.ª edição. Porto: Livraria Chardron de Lélo & irmão.

BRANCO, Camilo Castelo, 1916 – *Os Brilhantes do Brasileiro*, 5.ª edição. Lisboa: Parceria António Maria Pereira.

CASTRO, Ferreira de, 1928 – *Emigrantes*, 10.ª edição. Lisboa: Livraria Editora Guimarães.

CASTRO, Ferreira de, 1934 – *A Selva*, 4.ª edição. Lisboa: Livraria Editora Guimarães (ed. original: 1930).

DIAS, Urbano de Mendonça, 1944 – *A Vida de Nossos Avós*, 2.º vol. Vila Franca do Campo: Tip. A Crença.

DIAS, Urbano de Mendonça, 1943 – "*O Mr. Jó". Estudo sobre os emigrados dos Açores*. Vila Franca do Campo: Tipografia A Crença.

MARTINS, Oliveira, 1994 – *Fomento Rural e Emigração*, 3.ª edição. Lisboa: Guimarães Editores (ed. original: 1885).

QUEIRÓS, Eça de, 1979 – *A Emigração como Força Civilizadora* (Pref. de Raul Rego). Lisboa: Perspectivas & Realidades (relatório original: 1874).

TERRA, Florêncio, 1981 – *Contos e Narrativas*, 1.º vol., 2.ª edição. New Badford: Promotora Portuguesa (ed. original: 1942).

TERRA, Florêncio, 1987 – Água de Verão. Contos e Narrativas, 2.º vol. Ponta Delgada: Signo (ed. original: 1942).

BIBLIOGRAFIA

ARRUDA, Luís, "Florêncio José Terra", in *Enciclopédia Açoriana*. URL: http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/Default.aspx?id=10369.

CARVALHAL, Tânia Franco, 2000 – "Eça de Queirós e o Brasil. Leituras da crítica brasileira". *Camões. Revista de Letras e Culturas Lusófonas*, n.º 9-10, Abril-Set.

COSME, Leonel, 2000 – "Eça de Queirós e o Brasil", in *Página da Educação*, n.º 94, URL: http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=94&doc=8188&mid=2 [consultado a 2 de Julho de 2012].

FILHO, Ricardo Moreira Figueiredo, 2010 – "Análises histórico-sociais dos torna-viagens a partir da literatura portuguesa oitocentista", in *Cadernos de História*, Belo Horizonte, n.º 15, vol. 11.

FONTES, Carlos, s/d. – "A Emigração na Literatura Portuguesa", URL: http://imigrantes.no.sapo.pt/page6.Pinto.html [consultado a 2 de julho de 2012].

GRANJA, Rosemary da Silva, 2009 – *Brasileiros e Portugueses: todos fora do lugar – a imagem do brasileiro torna viagem na ficção camiliana*. S. Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/Universidade de S. Paulo, URL: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-01022010-173537/pt-br.php [consultado a 2 de Julho de 2012].

MAGALHÃES, José Calvet de, 2000 – "Eça de Queirós, cônsul e escritor". *Revista Camões*, n.º 9/10, URL: http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/doc_details.html?aut=1421 [consultado a 2 de Julho de 2012].

MACHADO, Igor José de Reno, 2005 – "O Brasileiro de torna-viagens" e o lugar do Brasil em Portugal", in *Estudos-Históricos*, Rio de Janeiro, n.º 35, URL: http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2236 [consultado a 2 de julho de 2012].

MACHADO, Margarida Vaz do Rego, "Urbano Mendonça Dias", in *Enciclopédia Açoriana*. URL: http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/Default.aspx?id=10369.

MENDES, José Amado, 1988 – "A Emigração Portuguesa nas ópticas de Alexandre Herculano, Oliveira Martins e Afonso Costa", conferência efectuada na Universidade de Coimbra. URL: https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/12789/1/José%20M.Amado%20Mendes%2024.pdf [consultado a 2 de julho de 2012].

MONTEIRO, Miguel, 1996 – "Emigrantes e 'Brasileiros' – Contextos e perspectivas", in *Migrantes, Emigrantes e Brasileiros (1834-1926) – territórios, itinerários e trajectórias*. Braga: Instituto de Ciências Sociais/Universidade do Minho.

SARAIVA, António José, LOPES, Óscar, 1996 – *História da Literatura Portuguesa,* 17.ª ed. Porto: Edições Alberto de Oliveira LDA..

SERRÃO, Joel, 1976 – *Testemunhos sobre a Emigração Portuguesa. Antologia*. Lisboa: Livros Horizonte.